

An aerial photograph of a terraced agricultural field. The field is divided into numerous rectangular plots, each covered with a layer of plastic mulch. The mulch is primarily a vibrant green color, but some plots are covered with a yellow-green or lime green plastic. The plots are arranged in a grid-like pattern, with narrow paths or furrows separating them. The overall appearance is that of a well-maintained and organized agricultural landscape.

O OUTRO
LADO DA
MONTANHA
JOSÉ LUIZ
PEDERNEIRAS

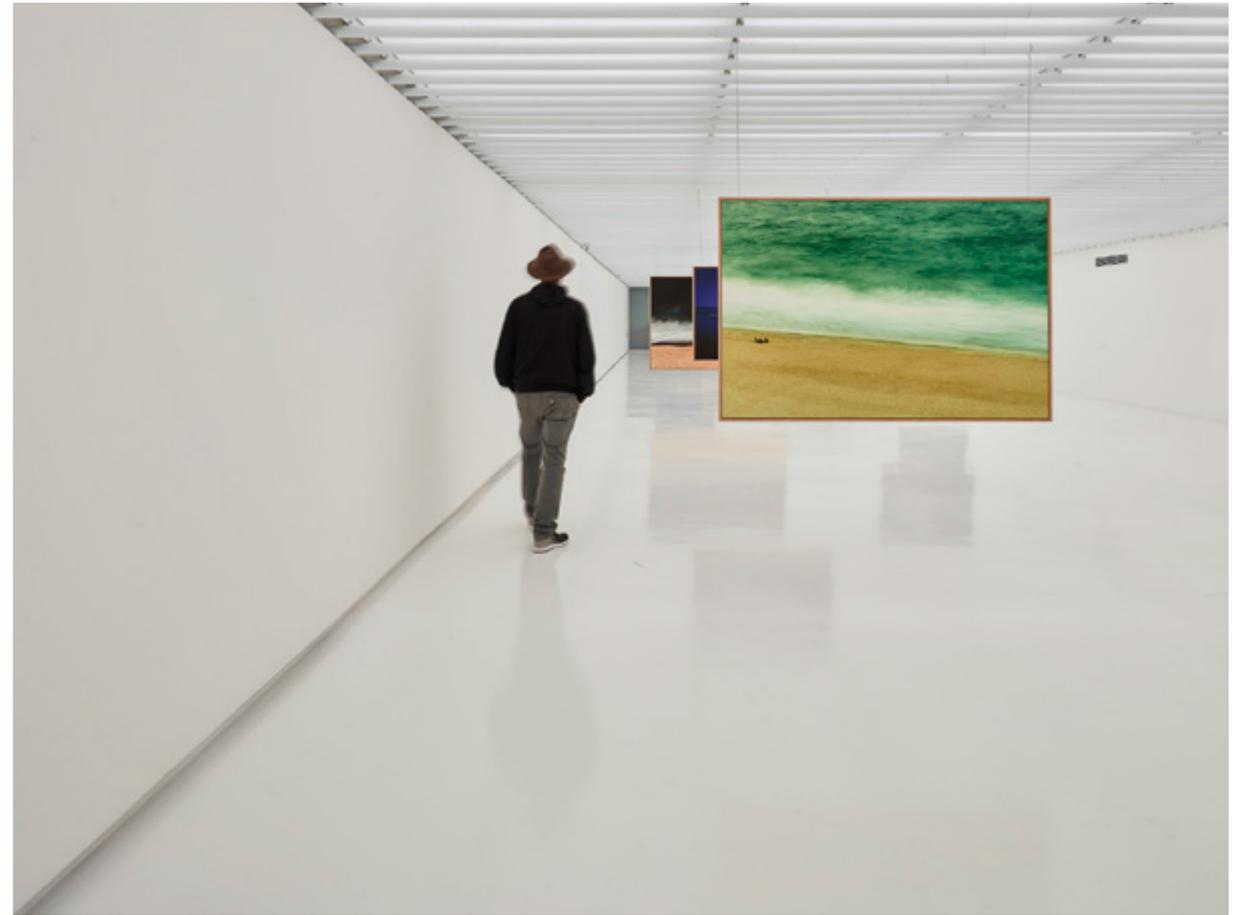


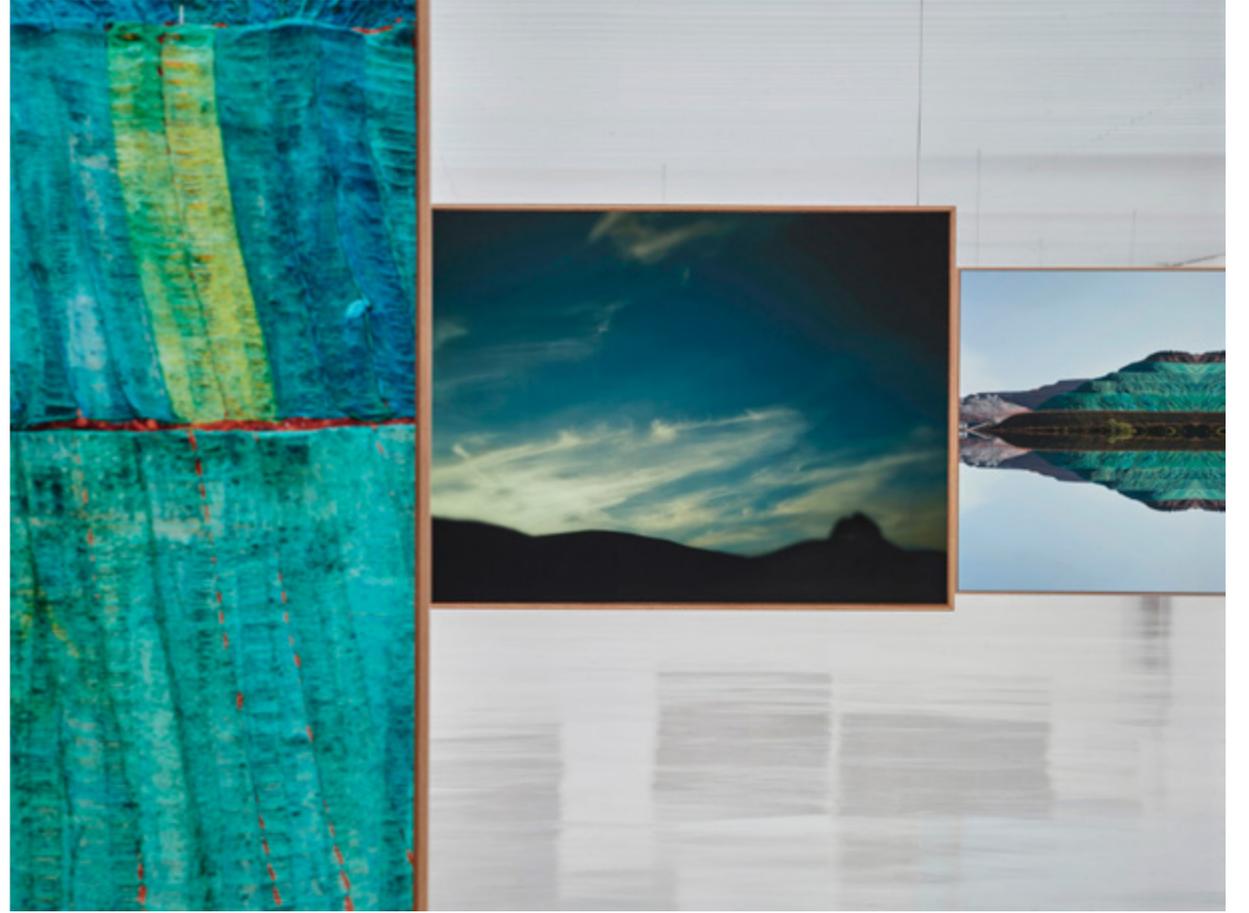
O OUTRO
LADO DA
MONTANHA
JOSÉ LUIZ
PEDERNEIRAS















O ministério da cidadania apresenta:

**O OUTRO
LADO DA
MONTANHA**
JOSÉ LUIZ
PEDERNEIRAS

Belo Horizonte
2019

Ricardo Vieira Santiago

Presidente do Minas Tênis Clube

O Minas Tênis Clube tem a honra de receber a exposição de fotografias “O outro lado da montanha”, que reúne 25 obras do premiado fotógrafo mineiro José Luiz Pederneiras. É a primeira vez que a Galeria do Centro Cultural Minas Tênis Clube (CCMTC) abriga uma mostra exclusivamente de fotografias. E começamos muito bem, oferecendo ao público, além da oportunidade de apreciar a originalidade do trabalho de Pederneiras, a oportunidade de refletir sobre os caminhos da mineração e seus impactos na paisagem mineira. Não bastasse a beleza das imagens capturadas pelo artista, a partir de 2014, em várias regiões de Minas Gerais, a expografia criada pelo arquiteto Fernando Maculan e por Paulo Pederneiras envolve o visitante, que também é conduzido pela poesia do mestre Carlos Drummond de Andrade, uma referência no trabalho de José Luiz Pederneiras.

Inaugurado em 2013, o Centro Cultural Minas Tênis Clube (CCMTC) é referência na capital mineira e, em junho último, se tornou parte do Circuito Cultural Praça da Liberdade, ou apenas Circuito Liberdade, um dos mais importantes complexos de cultura e arte do Brasil.

Seja bem-vindo!

Volte sempre e traga a família e os amigos.

Ricardo Vieira Santiago

President of Minas Tênis Clube

Minas Tênis Clube has the honor of hosting the photography exhibition “O outro lado da montanha” (The other side of the mountain), which gathers 25 pieces from award-winning photographer José Luiz Pederneiras from Minas Gerais. It is the first time that Galeria do Centro Cultural Minas Tênis Clube (CCMTC) hosts an exhibition exclusively based on photographs. And we have started on the right foot, offering the audience not only the opportunity to appreciate the originality of Pederneiras’ work but also the opportunity to think about the paths of mining and their impacts on Minas Gerais’ landscape. If the beauty of the images captured by the artist wasn’t enough, beginning in 2014 in various regions of Minas Gerais, the exhibition design developed by architect Fernando Maculan and Paulo Pederneiras embraces the visitor, who is also conducted by the poetry of master Carlos Drummond de Andrade, a reference in José Luiz Pederneiras’ work.

Launched in 2013, Centro Cultural Minas Tênis Clube (CCMTC) is a reference in Minas Gerais’ capital city and last June it became part of Circuito Cultural Praça da Liberdade, or simply Circuito Liberdade, one of the most important culture and art complexes in Brazil.

Welcome!

Bring your family and friends.

Guilherme Horta

Curador

16 “Para todo cidadão que vive ou nasce em regiões montanhosas, descobrir o que está por trás das montanhas é sempre um motivo de curiosidade e reflexão que geram provérbios, poemas e pensamentos filosóficos.

O que está atrás das nossas montanhas?...

O mar?

Outras montanhas?

O horizonte?

A liberdade?...

Nesse breve documentário sobre a topografia do espaço geográfico, denominado quadrilátero ferrífero, localizado no centro do estado de Minas Gerais, José Luiz Pederneiras, um dos fundadores do Grupo Corpo e com mais de 40 anos dedicado à fotografia de artes cênicas, faz da montanha seu grande espetáculo e nos mostra as transformações e as intervenções sofridas pelo meio ambiente, desvendando um pouco esse outro lado da cena, como se estivesse circulando por coxias e camarins. Esses bastidores da montanha são aliviados com o novo horizonte que se molda, criando a expectativa de chegarmos/retornarmos ao velho ou quem sabe a um novo mundo.”

Guilherme Horta

Curador

17 “For every citizen who lives or is born in mountainous regions, finding out what is behind the mountains is always a reason of curiosity and thinking which generate proverbs, poems and philosophical thoughts.

What is behind our mountains?...

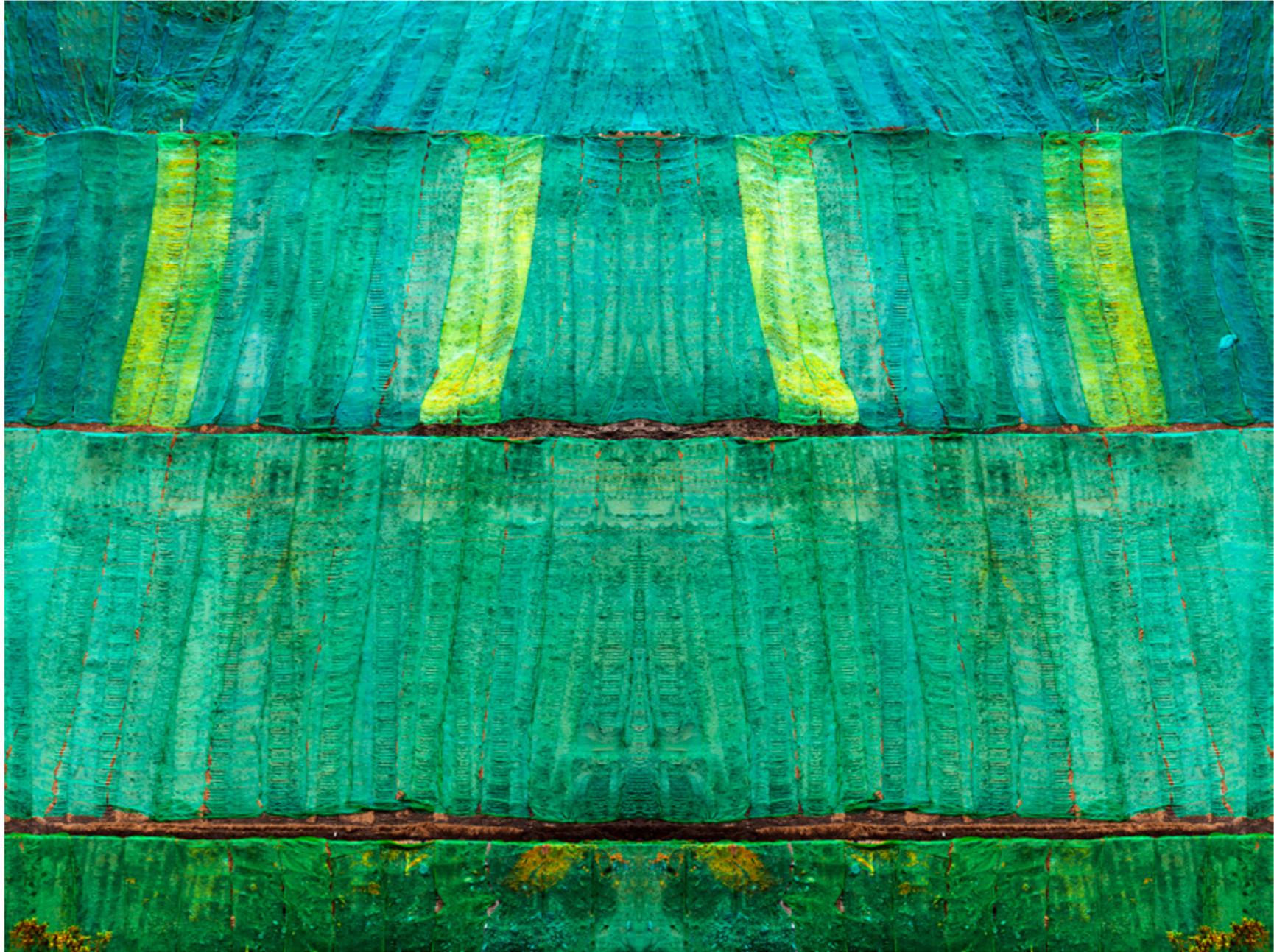
The ocean?

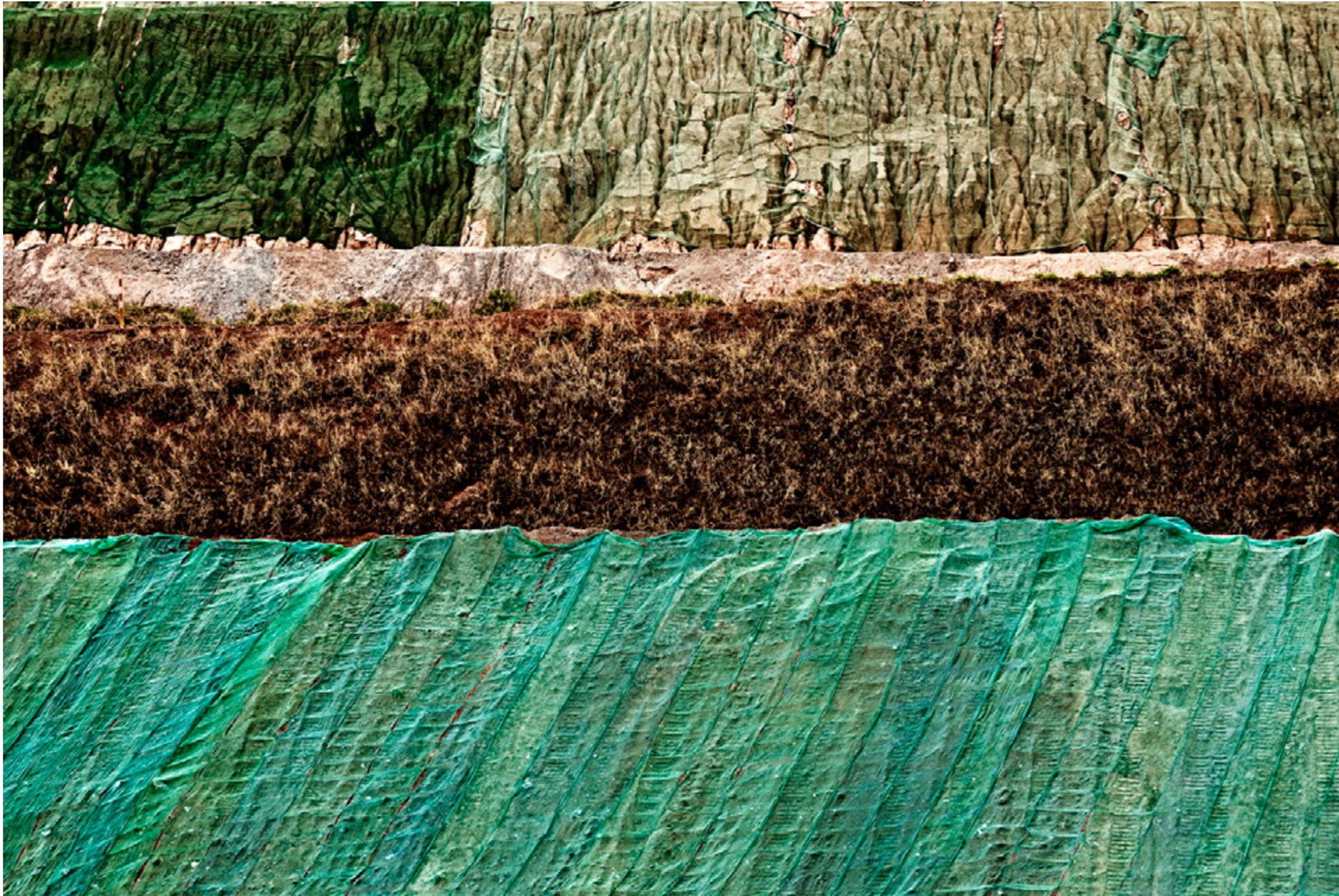
Other mountains?

The horizon?

Freedom?...

In this brief documentary about the topography of the geographic space, named Quadrilátero Ferrífero, located in the center of Minas Gerais province, José Luiz Pederneiras, one of the founders of Grupo Corpo and a man who has dedicated over 40 years of his life to photography of scenic arts, turns the mountain into his great spectacle and shows us the transformations and interventions suffered by the environment, unraveling a little this other side of the scene, as if he was circulating through the backstage and the dressing rooms. The backstage of the mountain is relieved with the new horizon that shapes itself, creating the expectation of arriving/returning to an old or, who knows, a new world.”



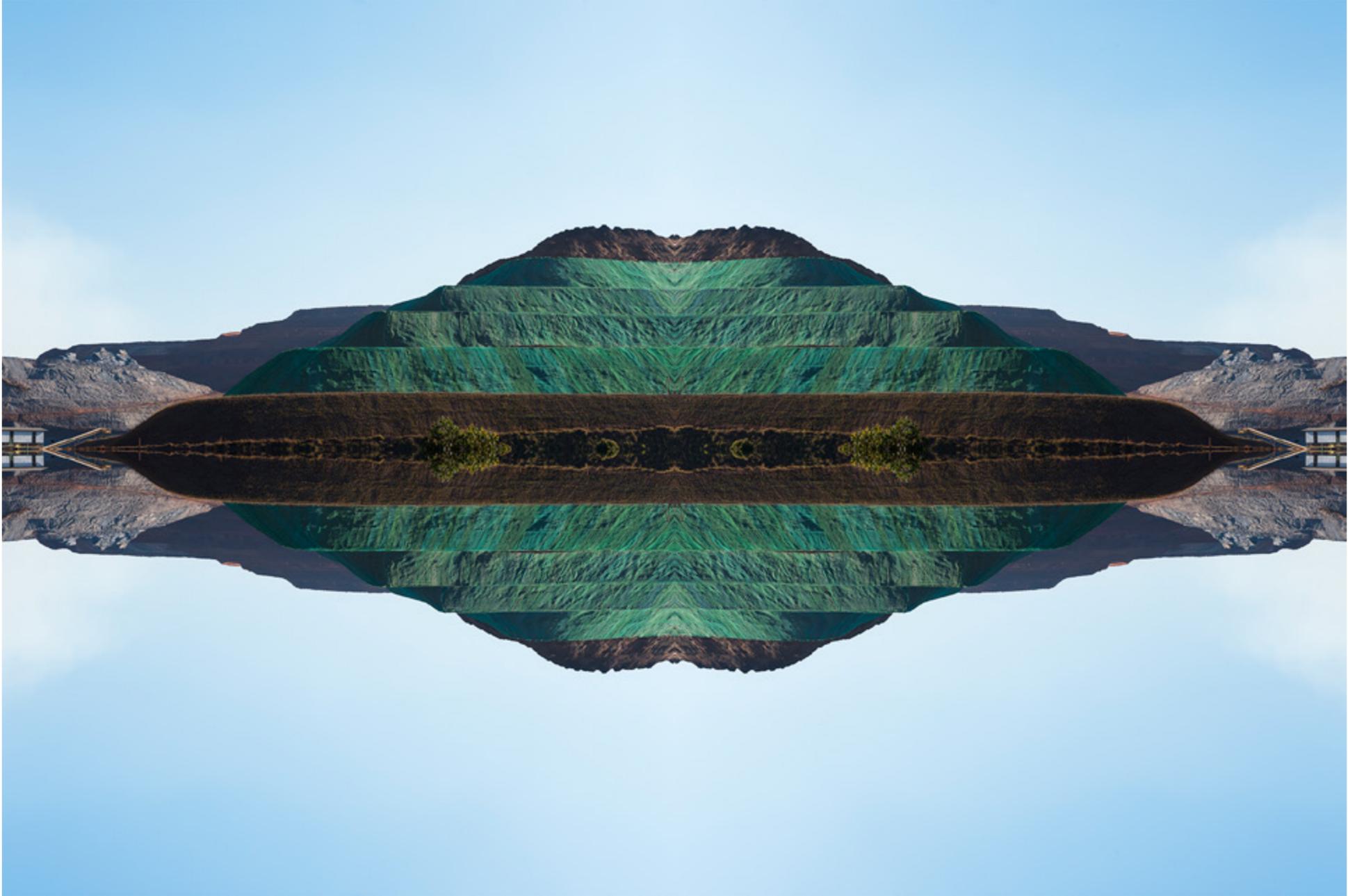






























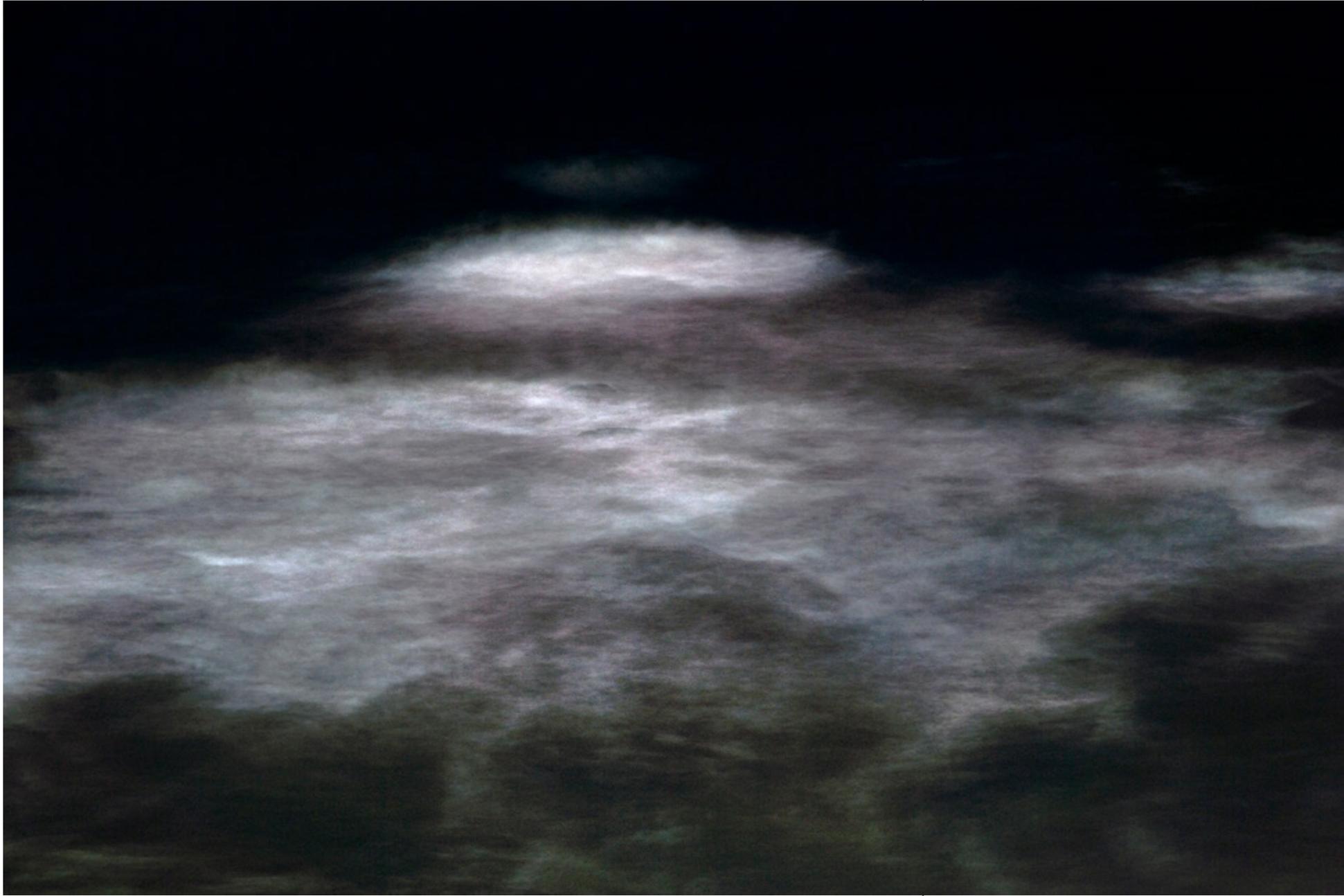
















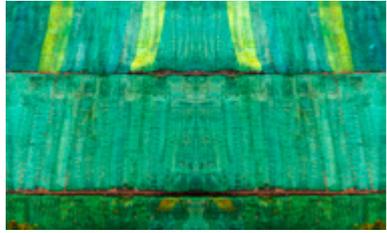












150 x 200 cm



90 x 135 cm



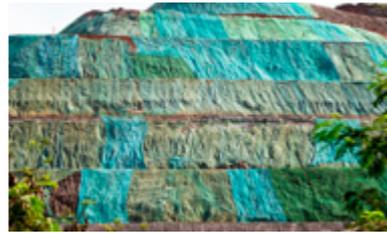
90 x 135 cm



100 x 150 cm



100 x 150 cm



100 x 150 cm



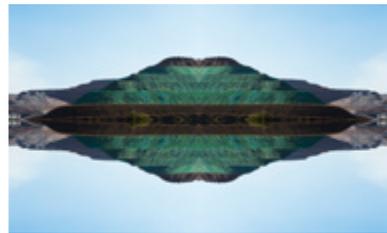
100 x 150 cm



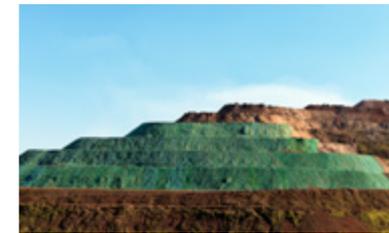
90 x 135 cm



90 x 135 cm



150 x 225 cm



100 x 150 cm



90 x 135 cm



90 x 135 cm



90 x 135 cm



90 x 135 cm



100 x 150 cm



90 x 135 cm



90 x 135 cm



100 x 150 cm



150 x 225 cm



90 x 135 cm



90 x 135 cm



90 x 135 cm



150 x 200 cm



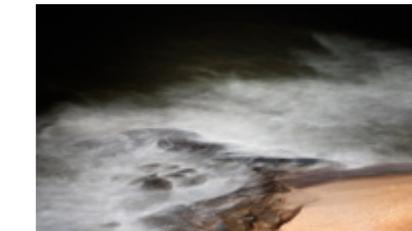
90 x 135 cm



90 x 135 cm



100 x 150 cm



100 x 150 cm



90 x 135 cm



Adriana Leite

O OUTRO
LADO DA MONTANHA

O outro lado da montanha — fotografia de José Luiz Pederneiras — busca debater a relação muito próxima entre paisagem e natureza. O leitor apreende a paisagem de modo singular, a partir de uma percepção que é subjetiva. No entanto, a natureza em cada imagem está presente, contingente, impregnada das diversas camadas transmutadas por meio do tempo. O conjunto de imagens constrói uma gramática própria de fruição, na qual há lugar para paisagens de natureza ilusória.

Nas lentes de José Luiz Pederneiras, a materialidade das fotografias expõe um relato contundente, registra a marca das máquinas sobre as montanhas e desenha novos horizontes no relevo das serras. O registro dessa nova realidade imprime imagens fortes, quase trágicas, entretanto, elas emanam uma beleza pictórica efêmera, carregada de recordações do passado. A tarefa de transformar essa realidade em arte é, de certo modo, o desafio de restituir vitalidade à natureza esvaziada.

A narrativa da exposição propõe um caminho de ida e volta. Vai com a montanha, horizonte sinuoso de Minas Gerais. Percorre um pequeno inventário de imagens sobre uma nova topografia, nas regiões de intensa atividade extrativista, e volta com o mar, horizonte aberto.

A construção das fotografias se deu ao longo de alguns anos, no constante processo de amadurecimento da correlação das paisagens — mar e montanha —, e de como o homem faz uso de ambas.

Adriana Leite

THE OTHER
SIDE OF THE MOUNTAIN

The other side of the mountain — photography by José Luiz Pederneiras — seeks to debate the very close relationship between landscape and nature. The reader grasps the landscape uniquely from a perception that is subjective. However, the nature in each image is present, contingent, impregnated with the various layers transmuted over time. The set of images builds its own grammar of fruition, in which there is room for landscapes of an illusory nature.

In the lens of José Luiz Pederneiras, the materiality of the photographs exposes a striking account, records the machines' mark on the mountains and draws new horizons in the relief of the mountains. The recording of this new reality prints strong, almost tragic images, yet they emanate an ephemeral pictorial beauty, laden with memories of the past. The task of transforming this reality into art is, in a way, the challenge of restoring vitality to the emptied nature.

The exhibition's narrative proposes a round trip. It goes with the mountain, winding horizon of Minas Gerais. It walks through a small inventory of images about a new topography, in the regions of intense extractive activity, and returns with the sea, open horizon.

The construction of the photographs took place over some years, in the constant process of maturing the correlation of the landscapes — sea and mountain — and how man makes use of both.

Manu Grossi

Paisagem, país
feito de pensamento da paisagem,
na criativa distância espacitempo,
à margem de gravuras, documentos,
quando as coisas existem com violência
mais do que existimos: nos povoam
e nos olham, nos fixam. Contemplados,
submissos, delas somos pasto
somos a paisagem da paisagem.

Trecho de "Paisagem: como se faz",
Carlos Drummond de Andrade

NA VIRADA DA MARÉ

O pico do Cauê, que o menino Drummond costumava avistar da janela da casa dos Andrade, não existe mais; foi sendo fatalmente lacerado pelas sedentas engrenagens do capital, até vir a ser o que é hoje: um buraco na terra. A exploração mineral em Itabira teve profundas consequências sobre a formação literária e política do nosso poeta maior. Arguto observador da complexa teia de acontecimentos e consequências envolvendo a mineração em sua cidade natal e no estado de Minas Gerais, Drummond legou ao mundo inúmeros poemas por onde circulam vários sentimentos acerca dos processos de exploração de nossas riquezas geológicas — num brilhante movimento de transposição do real para a poesia. Essa disposição para operar artisticamente em torno do tema da mineração compõe também a obra do fotógrafo mineiro José Luiz Pederneiras, cuja exposição O outro lado da montanha, em cartaz na Galeria de Arte do Centro Cultural Minas Tênis Clube, parece ser exemplar nesse sentido.

A visão das montanhas cobertas por tiras de plástico, indicando a atividade mineradora, causou-lhe forte impressão. Assim como o Pico do Cauê foi destituído de sua matéria, restando apenas em fotografia e memória; assim como a Serra do Curral hoje está reduzida a uma espécie de fachada apenas para manutenção forçada do cartão postal, tendo sido fortemente carcomida pelos interesses da siderurgia, inúmeras outras paisagens mineiras correm risco de violenta extirpação e até mesmo de completo desaparecimento. O fotógrafo não se ausenta do problema. Pelo contrário, por meio da fotografia, ele conduz à visita de inúmeras paisagens do Quadrilátero Ferrífero, mas não como registro direto. É aqui que a fotografia se relaciona com outros fazeres artísticos, num intrincado jogo formal que envolve a pintura e a escultura. Os espelhamentos, a obtenção dos efeitos de luz, a geometrização da matéria rochosa, todos esses recursos propostos pelo artista compõem um conjunto muito singular de imagens que busca construir novas paisagens, territórios imaginários, sonhos de pedra, para depois retornarem ao real das montanhas sob o impacto da mineração. Em outras palavras, é preciso escapar da realidade, operando um projeto fotográfico pictórico e escultórico, que suspende momentaneamente o expediente da representação, para que essas imagens ganhem o contorno político necessário, via alarde do artifício.

Mas o efeito político da exposição não nos chega apenas pela rota das imagens das montanhas, é também obtido pelo fotografias do mar, posicionadas atrás. Num lance esperto de montagem, o caminho de volta remete ao título da exposição: do outro lado da montanha está o mar. Entretanto, para o artista, não se trata de um percurso simples. Mais uma vez, observamos uma fabulação não linear na construção argumentativa do conjunto. As águas aí não representam um descanso ou lenitivo para o problema anteriormente posto, mas uma paisagem-limite: não mais a geometria retilínea das imagens das montanhas; aqui, o espriamento abstrato das águas, que são justamente o caminho natural para os rios que descem das montanhas; areia e água, também pertencentes ao reino mineral, parecem significar uma espécie de aviso aos navegantes: a natureza é forte, mas não é ilimitada; precisamos, afinal, cuidar

dela. O que há atrás das montanhas é a virada da maré que obriga justamente a retornar às montanhas, para protegê-las, ou elas não existirão mais, como o pico do Cauê e a Serra do Curral. Há uma tensão de espaço aparente em torno do binômio montanha/mar, que, na verdade, na rota proposta pela exposição, se desfaz na proposição de unidade que trata do poder e da vastidão das paisagens naturais — assim como da necessidade de resguardá-las. Trata-se de um inteligente jogo de bate e volta que também diz dos próprios deslocamentos de vida do premiado fotógrafo José Luiz Pederneiras: após anos morando no Rio de Janeiro, ele retorna ao estado de Minas Gerais.

É importante frisar que logo após serem tiradas as fotografias que compõem esta exposição, o Brasil assistiu a duas tragédias, dois crimes ambientais praticados no contexto da atividade mineradora, que vitimaram Mariana e Brumadinho, aleijando paisagens e matando pessoas. O retorno de Pederneiras ao seu lugar de origem parece responder ao chamado das urgências socioambientais do próprio estado. O resultado é uma exposição que instiga a pensar profundamente sobre as questões relacionadas à mineração em Minas Gerais, para além, é claro, da beleza das composições, da tendência do artista para a exuberância.

Manu Grossi

Landscape, country
made of landscape thinking,
in the creative time space distance,
alongside pictures, documents,
when things exist violently
more than we exist: they populate us
and they look at us, they fixate us. Contemplated,
submissive, we are its pasture
we are the landscape of the landscape.

Excerpt from "Landscape: How to do
it", Carlos Drummond de Andrade

AT THE TURN OF THE TIDE

The Cauê Peak, which young Drummond used to see from the window of the Andrade's house, no longer exists; it was fatally lacerated by the thirsty gears of capital until it became what it is today: a hole in the earth. Mineral exploration in Itabira had profound consequences on the literary and political formation of our greatest poet. A keen observer of the complex web of events and consequences surrounding mining in his hometown and the state of Minas Gerais, Drummond has bequeathed to the world numerous poems circulating various sentiments about the processes of exploitation of our geological riches — in a brilliant movement of transposition of the real through poetry. This willingness to operate artistically around the theme of mining is also part of the work of Minas Gerais photographer José Luiz Pederneiras, whose exhibition *The Other Side of the Mountain*, on display at the Galeria de Arte do Centro Cultural Minas Tênis Clube, seems to be exemplary in this regard.

The sight of the mountains covered by plastic strips, indicating mining activity, made a strong impression on him. Just as Cauê Peak was stripped of its matter, leaving only photography and memory; just as Serra do Curral today is reduced to a kind of façade only for the forced maintenance of the postcard, having been severely damaged by the interests of the steel industry, many other mining landscapes are in danger of violent extirpation and even complete disappearance. The photographer is not absent from the problem. On the contrary, through photography it leads to the visitation of countless landscapes of the Quadrilátero Ferrífero, but not as a direct record. This is where photography relates to other artistic works, in an intricate formal game involving painting and sculpture. The mirrors, the attainment of light effects, the geometrization of rock matter, all these features proposed by the artist make up a very unique set of images that seeks to build new landscapes, imaginary territories, stone dreams, and then return to the real of the mountains under the impact of mining. In other words, it is necessary to escape reality by operating a pictorial and sculptural photographic project, which momentarily suspends the expedient of representation, so that these images gain the necessary political contour, through the noise of artifice.

But the political effect of the exhibition not only reaches us by the route of the mountain images, it is also obtained by photographs of the sea, positioned behind. In a clever bid for montage, the way back refers to the title of the exhibition: across the mountain is the sea. However, for the artist, this is not a simple route. Once again, we observe a nonlinear fabulation in the argumentative construction of the set. The waters there are not a rest or relief for the problem previously posed, but a boundary landscape: no longer the rectilinear geometry of mountain images; here, the abstract spreading of the waters, which are precisely the natural way to the rivers that descend from the mountains; sand and water, also belonging to the mineral kingdom, seem to mean a kind of warning to sailors: nature is strong but not unlimited; we need, after all, to take care of it. What lies behind the mountains is the turning of the tide that forces returning to the mountains to protect them, or they will no longer exist, such as the Cauê peak and the Serra do Curral. There is an apparent tension of space around the mountain / sea binomial, which, in

fact, along the route proposed by the exhibition, breaks down into the proposition of unity that deals with the power and vastness of natural landscapes — as well as the need to safeguard them. It is a clever game of back and forth that also tells about the life shifts of award-winning photographer José Luiz Pederneiras: after years of living in Rio de Janeiro, he returns to the state of Minas Gerais. It is important to note that soon after the photographs that make up this exhibition were taken, Brazil witnessed two tragedies, two environmental crimes committed in the context of mining activity, which victimized Mariana and Brumadinho, crippling landscapes and killing people. The return of Pederneiras to his place of origin seems to answer the call of the socio-environmental urgencies of the state itself. The result is an exhibition that provokes deep thinking about mining-related issues in Minas Gerais, beyond, of course, the beauty of the compositions, the artist's tendency toward exuberance.

CENTRO CULTURAL MINAS TÊNIS CLUBE

Presidente / President
Ricardo Vieira Santiago

Diretor de Cultura / Director of Cultural Affairs
André Rubião

Gerente de Cultura / Manager of Cultural Affairs
Wanderleia Magalhães

Coordenação Técnica / Technical Coordination
Bruno Cerezoli

Assessoria de Imprensa / Press Office
Cláudia Leal Viana

EXPOSIÇÃO / EXHIBITION

Fotografia / Photography
José Luiz Pederneiras

Curadoria / Curator
Guilherme Horta

Projeto expositivo / Exhibition project
Fernando Maculan
Paulo Pederneiras

Projeto gráfico / Graphic design
Guili Seara

Impressões / Screen print
Studio Anta

Moldura / Frame
Atelier Baumecker

Montagem / Assembly
Ronaldo Bráz

Educativo / Education action
Malacaxeta

CATÁLOGO / CATALOGUE

Fotografia / Photography
José Luiz pederneiras

Ensaio fotográfico do espaço expositivo
Photo essay of the exhibition
Jomar Bragança

Design gráfico / Graphic design
Direção de criação / Art direction
Guili Seara
Designer
Ricardo Donato

Revisão / Editing
Trema Textos

Versão em inglês / English version
Aileen Schlens Braun

Impressão / Print
Formato Artes Gráficas

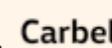
AGRADECIMENTOS / ACKNOWLEDGEMENTS

Adriana Leite
Mário Zavagli
Wagner Veloso
Angela Martins
Manu Grossi
Marcelo Silva
Jomar Bragança
Rosina Bernardes
Álvaro Rocha
Marco Antonio Silveira
Bruno Felga
Stefan Bottcher

FICHA CATALOGRÁFICA



PATROCÍNIO



Carbel Japão



CEMIG



GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
PRESENTE.

APOIO



GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
PRESENTE.

REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



